

MINISTRANDO OFICINAS DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS TRADICIONAIS DA CULTURA POPULAR BRASILEIRA – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Costa, P.R

Faculdade de Educação Física – Departamento de Educação Física e Humanidades

Universidade Estadual de Campinas

A partir da experiência de um ano ministrando oficinas de resgate de brinquedos e brincadeiras tradicionais da cultura popular Brasileira com crianças entre 6 a 11 anos de idade, pertencentes à classe média alta, em uma Brinquedoteca privada no distrito de Barão Geraldo no município de Campinas – SP; buscarei discutir a aceitação a proposta central da oficina (Resgate de brinquedos e brincadeiras tradicionais de Cultura Popular Brasileira) pelas crianças dado seus comportamentos espontâneos à contemporaneidade, caracterizando o estudo como um relato de experiência. As oficinas aconteciam uma vez por semana, e tinham duração de uma hora, podendo se estender por mais meia hora, participavam da oficina entre 6 a 15 crianças. A atividade estava estruturada na primeira parte sobre um momento lúdico (que poderia estar pautado em contação de história, teatro, jogo, dança) a fim de introduzir o contexto cultural das brincadeiras, a segunda parte caracterizava-se pela realização do brinquedo/brincadeira propriamente dito (bilboquê, pião, amarelinha, estoura boiada, pare bola, taco etc.) e num terceiro momento tínhamos a roda de conversa a fim de verificarmos o que cada um tinha a dizer sobre a experiência daquele dia, vale ressaltar que tínhamos um grupo de crianças diferentes a cada encontro. Verificou-se que muitas das crianças submetidas às oficinas resistiam à experiência corporal em detrimento da possibilidade de jogar vídeo game, por exemplo, na justificativa de o último ser mais interessante do que o primeiro, visto que tinham o brinquedo em casa e o sabiam fazer muito bem. Aos que se voluntariavam à experiência das oficinas, foi possível observar que a maior parte das crianças, cerca de 80% não conhecia as brincadeiras e/ou brinquedos tradicionais que eram propostos à execução, para isso Pontes et.al (2003) explica que qualquer transmissão de um elemento cultural só pode ocorrer dentro de um contexto social. Foi possível notar, portanto, que o contexto social dessas crianças permeou suas escolhas no brincar. Kishimoto (1993) pontua que uma das características da modalidade “jogo tradicional infantil” é a transmissão oral, a vivência com as crianças permitiu perceber que fora da Brinquedoteca e da oficina especificamente, não há esse hábito entre elas nem mesmo de troca com seus pais e responsáveis de tais informações. Acredita-se que provavelmente a privação da experiência com as brincadeiras tradicionais poderia estar limitando o repertório cultural, motor, social das crianças citadas no relato de experiência. Para tanto seria necessário um estudo mais aprofundado, que não nos cabe neste

momento. Ainda vale ressaltar que as oficinas de maneira geral foram muito produtivas por que num primeiro momento, as crianças mesmo que resistindo à vivência, quando penetradas pela prática, estavam tão completamente envolvidas, “arrebatadas” pelo jogo Huizinga (1938), que muitas vezes a aula se estendia, indicando que essa relação de desinteresse poderia estar associada ao desconhecimento da brincadeira.